Volume II

Quarta Parte - 7

Aprendendo a “sonhar de verdade” quando me recolhia para o meu leito

Fiquei uma semana em Paris, vagando durante o dia entre as recordações da minha infância – um prazer melancólico – e à noite tentando ter “sonhos reais”, como minha duquesa dos sonhos o chamava. Só uma vez fui bem-sucedido.

Fui para a cama pensando com muita persistência no “Mare d'Auteuil” e me pareceu que assim que adormeci acordei lá e soube imediatamente que havia voltado a ter um “sonho real”, novamente, pela realidade e pela felicidade. Era uma vida transcendente mais uma vez – um verdadeiro êxtase da lembrança que se tornou real, e uma surpresa tão requintada!

Lá estava M. o Major, em seu casaco verde, em seus joelhos perto de um pequeno espinheiro à beira do precipício, entre as raízes encharcadas de água na qual morava um velho e astuto besouro da espécie ditisco do tamanho de uma colher de sopa – um prêmio que muitas vezes tentamos pegar em vão.

M. o Major e o besouro distico

M. o Major tinha uma rede na mão e observava atentamente a água; o suor escorria pelo seu nariz; e ao seu redor estavam agrupados, em silenciosa expectativa e suspense, Gogo, Mimsey e meus três primos, e um menino irlandês bem-humorado e sardento de quem havia me esquecido completamente e que, de repente, me lembrei que seu nome era Johnstone, que ele era muito combativo e que morava na Rua Basse (agora Rua Raynouard).

Do lado oposto do lago, minha mãe mantinha Médor longe da água, por medo de que ele estragasse a pescaria, e no banco próximo do salgueiro estava Madame Seraskier – adorável Madame Seraskier – profundamente interessada na situação. Sentei-me ao seu lado e a encarei com uma alegria indescritível.

Uma senhora idosa apareceu, vendendo bolinhos de wafer em formas de cones e cantando – "Muito prazer, senhoras – Muito prazer!". Madame Seraskier gastou dez dólares – uma montanha! M. o Major disparou uma investida com sua rede – sem sucesso, como de costume. Médor foi solto e mergulhou em uma imersão que fez grandes ondas ao redor da água, mergulhando atrás de uma pedra imaginária, em meio a brados e gritos de excitação. Oh, as vozes familiares! Quase chorei.

Médor saiu da água sem a pedra e se sacudiu, retorcendo-se, latindo e rodopiando, como sempre fazia, bem perto de mim. Em meu deleite e solidariedade fui imprudente o suficiente para tentar acariciá-lo, e logo o sonho ficou "desfocado" - mudou para um sonho comum, onde todas as coisas eram confusas e incompreensíveis; um sonho bastante agradável, mas diferente em tipo e grau – um sonho comum; e em minha aflição acordei e não consegui sonhar novamente (como eu queria sonhar) naquela noite.

Na manhã seguinte (depois de nadar bem cedo) fui ao Louvre e fiquei fascinado diante de "Lisa Gioconda" de Leonardo da Vinci, tentando ao máximo descobrir onde estava a belíssima postura que eu ouvira falar tão extravagantemente elogiada; e não tentei com muito sucesso, pois eu tinha visto Madame Seraskier mais uma vez e achei que "Gioconda" era uma fraude.

Lisa Gioconda

Atualmente, eu estava ciente de um grupo logo atrás de mim e ouvi uma agradável voz masculina inglesa exclamar—

“E agora, duquesa, deixe-me apresentar a você meu primeiro e último e único amor, Mona Lisa”. Virei-me e lá estavam um velho cavalheiro com aparência de soldado e duas senhoras (uma das quais era a Duquesa de Torres), olhando para a pintura.

Ao abrir caminho para eles, novamente, chamei a atenção dela como tinha certeza, um olhar gentil de reconhecimento – apenas por meio segundo. Evidentemente, ela se lembrava de ter me visto na casa de Lady Cray, onde passei a noite inteira sozinho em um canto bastante visível. Eu era tão excepcionalmente alto (naqueles dias as pessoas não eram tão altas como agora) que era fácil eu ser notado e lembrado, especialmente porque eu usava minha barba, o que era incomum entre os ingleses.

Ela mal adivinhou como eu me lembrava dela; ela mal sabia de tudo o que ela foi e o que tinha sido para mim – na vida e em um sonho!

Minha emoção foi tão grande que a até os meus joelhos tremiam; eu mal conseguia andar; estava fraco como água. Minha adoração por aquela bela estranha estava se

tornando quase uma loucura. Ela era ainda mais adorável do que Madame Seraskier. Era cruel ser assim.

Parece que estava destinado a cair e me prostrar diante de mulheres muito altas e esguias, com cabelos escuros, pele lilácea e olhos angelicais claros. A bela donzela que vendia tripas e pés de porco em Clerkenwell também era desse tipo, me lembrei; e a Sra. Deane também. Felizmente para mim isso não é comum!

Passei todo aquele dia nos cais e nas pontes, inclinando-me sobre parapeitos e olhando para o Sena, nutrindo meu doce desespero, me intitulando o maior idiota de Paris, e relembrando continuamente aquele olhar azul-acinzentado gentil – minha única luz, a Luz do Mundo para MIM!

* * * * *

Minhas breves férias acabaram; voltei para Londres – para Pentonville - e retomei minhas antigas ocupações; porém, todo o teor da minha existência mudou.

A jornada diária de trabalho (e eu trabalhei mais arduamente do que nunca, para grande satisfação de Lintot) passou como um sonho sem importância de conteúdo moderado e a aceitação alegre em todo trabalho ou no lazer.

Não havia mais brigas quanto ao meu destino, nem desejo, por pequeno que fosse, de fugir de mim mesmo. Enquanto eu fazia negócios ou atividades recreativas, todo o meu ser era inundado pela memória da Duquesa das Torres como por um caloroso brilho interior que me manteve em paz comigo e com toda a humanidade, e me sentindo emocionado pela esperança encantadora de encontrar, mais uma vez, a imagem dela em um sonho à noite, podendo ser sobre minha antiga casa em Passy, e certamente sentir, também mais uma vez, a felicidade inefável de tocar sua mão. Todavia, por que ela estaria lá?

Quando chegou a hora abençoada do sono, iniciei o verdadeiro negócio da minha vida. Pratiquei “sonhar de verdade” como alguém pratica uma bela arte e, depois de muitos fracassos, me tornei um especialista declarado – um mestre.

Fiquei deitado de costas, com os pés esticados e cruzados e as mãos cruzadas acima da cabeça em uma posição simétrica; procurei fixar minha vontade intensa e persistentemente em um determinado ponto do espaço e do tempo que estivesse na minha memória – por exemplo, o portão da avenida em uma certa tarde de Natal, quando me lembrei de esperar o Sr. Major para dar um passeio – e, ao mesmo tempo, nunca perdendo o contato com minha própria identidade atual como Peter Ibbetson, arquiteto, Wharton Street, Pentonville; tudo isso não é tão fácil de administrar como se poderia pensar, embora a duquesa dos sonhos tivesse dito: "É apenas a primeira etapa que é difícil" e, finalmente em uma noite, em vez de ter os sonhos comuns que sonhei durante toda a minha vida (mas, duas vezes), tive o êxtase de acordar, no minuto em que adormeci, próximo do portão da avenida, e de ver Gogo Pasquier sentado em um dos postes de pedra e procurando o Sr. Major na rua coberta de neve. Logo ele se apressou para encontrar seu velho amigo, cuja figura vestida de verde-garrafa acabara de aparecer à distância. Eu vi e ouvi sua saudação calorosa e amigável, caminhei despercebido ao lado deles através de Auteuil até o seu animal e, de volta pelas fortificações, ouvi as emocionantes aventuras de um fanfarrão que, confesso, tinha esquecido por completo.

A história do gigante fanfarrão

Quando passamos os três juntos pela "Porte de la Muette", os poderes de memória (ou invenção) de Sr. Major começaram a enfraquecer um pouco – pois, de repente ele disse:

“Cric!”, mas Gogo respondeu impiedosamente: “Crac!”, e a história tinha de continuar até que, ao anoitecer, chegamos ao portão da casa dos Pasquiers, onde esses dois se despediram afetuosamente, depois de marcar um encontro para o dia seguinte; e entrei com Gogo e me sentei na sala de aula, enquanto Thérèse lhe servia o chá e a ouvi lhe contar tudo o que acontecera em Passy naquela tarde. Então, passou o dia lendo, resumindo e traduzindo com sua mãe até a hora de ir para a cama, e eu me sentei ao lado de sua cama, enquanto ele dormia embalado pela harpa de sua mãe ... como eu ouvi com todos os meus ouvidos e coração, até o doce esforço parou durante a noite! Então, saí da casa silenciosamente, pensando coisas indescritíveis – pelo jardim coberto de neve, onde Médor uivava para lua – pela avenida e parque silenciosos – através das ruas desertas de Passy – e pelo cais desertos e pontes até os bairros escuros de Paris; até que despertei e descobri que mais um outro dia sombrio e comum havia amanhecido sobre Londres – mas não era mais sombrio e comum para mim, com tantas experiências para olhar para trás e para frente – uma herança tão estranha de admiração e deleite!

Tive mais alguns fracassos ocasionais, como, por exemplo, quando a linha entre minha vida acordado e dormindo era rompida por um momento de descuido ou, possivelmente, por algum movimento do meu corpo na cama, nesse caso, de repente a visão ficava nublada e a realidade disso ficava destruída, e um sonho comum surgia em seu lugar. Minha consciência imediata disso foi o suficiente para me acordar na hora, e eu começaria novamente, desde o início até que tudo corresse como eu desejava.

Evidentemente, nosso cérebro contém algo semelhante a uma chapa fotográfica e a um cilindro fonográfico, e muitas outras do mesmo gênero que ainda não foram descobertas; nenhuma visão, som ou cheiro se perde; nenhum gosto, nenhum sentimento ou emoção. A memória inconsciente registra todos eles, sem sequer darmos atenção ao que se passa ao nosso redor, além das coisas que atraem nosso interesse ou atenção imediata.

Assim, noite após noite, vi diante de mim aquelas cenas que eram razoavelmente relembradas, como também as cenas totalmente esquecidas e, no entanto, tão inequivocamente verdadeiras quanto as lembradas, e todas banhadas por aquela luz inefável, a luz de outros dias – a luz que nunca esteve no mar ou na terra, e ainda assim, a luz da verdade absoluta.

Como ela transcende em valor, bem como na beleza, a luminosa luz do dia comum, pela qual a pobre humanidade, até agora, tem sido conformada em viver e morrer, e por falta de conhecimento desprezando a sombra pela substância, o espírito pela matéria!
Verifiquei a veracidade dessas experiências de sono em todos os detalhes: velhas cartas de família que preservara e que estudei ao acordar confirmaram o que tinha visto e ouvido em meu sonho; velhas histórias se explicavam. Era uma verdade que se foi, guardada em algum canto remoto do cérebro e trazida do passado obscuro como eu desejava, e se tornou real mais uma vez.